**UMA SOCIOLOGIA REFLEXIVA: O PODER SIMBÓLICO E SEUS INSTRUMENTOS DE COMUNICAÇÃO**

¹Marcia Valéria Luz da Cunha

[valerialuzcunha@outlook.com](mailto:valerialuzcunha@outlook.com)

²Everaldo de Deus

**RESUMO**

Este trabalho tem como objetivo apresentar algumas reflexões sobre o poder simbólico e seus instrumentos de comunicação, língua e cultura. O objeto simbólico são estruturas estruturantes de conhecimento e de construção do mundo objetivo como concordância dos sujeitos (consenso). A sociologia das formas simbólicas é uma contribuição do poder simbólico para a ordem gnoseológica (senso e consenso). Já o poder ideológico pode ser entendido como uma violência simbólica (ortodoxia) e a violência política (dominação). Esses instrumentos de dominação são utilizados sobre a maioria da classe social, ou seja, é a divisão do trabalho ideológico (manual/intelectual) dos dominantes sobre os dominados é uma concorrência sobre o monopólio da produção cultural legitima.

**Palavras-chave**: Poder simbólico. Sociologia. Instrumentos simbólicos.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_ ¹Mestranda do Curso Formação Educacional Interdisciplinaridade Subjetividade. Graduada em Pedagogia - Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Pós- Graduada em Psicopedagogia – Faculdades Integradas Ipiranga. Pós Graduada em Docência do Ensino Superior-Universidade do Estado do Pará (UEPA).

² Prof. Dr em Educação da Disciplina Sociologia da Educação- UNASUR- SABERES.

**INTRODUÇÃO**

A Sociologia é uma ciência que problematiza e permite questionar outras ciências, é crítica e revela aquilo que é oculto acerca dos problemas que ocorrem na sociedade. No entanto, é necessário refletir acerca do poder simbólico, como a luta de classes entre dominantes e dominados. O poder simbólico para Pierre Bordieu é invisível e há uma cumplicidade dos sujeitos (consenso), ocorre uma disputa pelo poder a qual a minoria se sobre sai, pois utiliza os instrumentos de comunicação, conhecimento e de construção do mundo dos objetos como formas simbólicas.

Para o autor os sistemas simbólicos, arte, religião, língua entre outros são estruturas estruturantes de conhecimento e de construção do mundo objetivo como “formas simbólicas”. A sociologia das formas simbólicas é uma contribuição do poder simbólico para a ordem gnoseológica (senso e consenso). Já o poder ideológico pode ser entendido como uma violência simbólica (ortodoxia) e a violência política (dominação).

O filosofo diz que os Instrumentos de comunicação cumprem sua função politica de imposição ou de legitimação da dominação de uma classe sobre a outra (violência simbólica) também entendida como “domesticação dos dominados”. As lutas que os especialistas chamam de sistemas ideológicos, ou seja, monopólio da produção ideológica, sendo instrumentos de dominação estruturantes, reproduzem sob forma irreconhecível, por meio da homologia entre o campo de produção ideológica e o campo das classes sociais.

O poder da classe dominante está centrado no capital econômico e impõe sua dominação por meio do poder simbólico, sempre visando os seus interesses em detrimento dos dominados. A classe hierarquizada utiliza de sistemas ideológicos que os especialistas produzem para a luta pelo monopólio da produção ideológica legítima. As ideologias têm suas características mais específicas não só aos interesses das classes ou frações de classes que elas exprimem, mas também aos interesses específicos daqueles que as produzem à lógica específica do campo de produção.

**OS SÍMBOLOS DO PODER**

Bourdieu (1989), diz que em toda sociedade a uma luta entre as classes sociais para ocupar lugar de poder e para garanti-lo, os detentores desse poder procurariam mostrar os interesses particulares como se fosse o interesse de toda a comunidade, utilizando-se de uma violência simbólica , um poder oculto, dissimulado, que visaria garantir a dominação. Esses interesses tomados pelo coletivo correspondem à formulação de ideologias, capazes de apresentar interesses particulares como se fosse de toda a comunidade.

Segundo o sociólogo, considera a arte, a religião, a língua, etc., como estruturas estruturantes, citadas algumas vezes por ele como *modus operandi,* uma expressão do latim que significa modo de operação, de determinada atividade, seguindo sempre os mesmos padrões e procedimentos. O autor fala, da tradição neo-kantiana que trata os diferentes universos simbólicos como instrumentos de conhecimento e de construção do mundo dos objetos, ou seja, como formas simbólicas, reconhecendo assim a ação e a importância do conhecimento.

Bordieu faz algumas considerações abrangendo os pensamentos de Émile Durkheim (pai da Sociologia Moderna que combinava a pesquisa empírica com a teoria sociológica) e de Erwin Panofsky (grande crítico da arte alemã e um dos principais representantes do método iconológico). A cultura dominante contribui para a integração real da classe dominante, assegurando uma integração e uma comunicação entre os membros dessa classe e ao mesmo tempo os distingue de outras classes.

Um importante conceito desenvolvido posteriormente por Bourdieu é a distinção, pois a mesma cultura unida pela comunicação separa como instrumento de distinção, que legitima a diferença das culturas exatamente pela distância da cultura em questão em relação à cultura dominante, ele considera que as relações de comunicação são sempre relações de poder que dependem do capital material ou simbólico acumulado pelos agentes.

Os sistemas simbólicos, enquanto instrumentos estruturados e estruturantes de comunicação e conhecimento cumprem sua função política de imposição e de legitimação da dominação de uma classe sobre a outra, agindo como uma forma de violência simbólica. Ainda conforme o autor as tomadas de posição ideológicas dos dominantes são estratégias de reprodução que tendem a reforçar dentro da classe e fora da classe à crença na legitimidade da dominação da classe.

Os símbolos do poder (trajo, ceptro, etc.) são apenas capital simbólico objetivando e a eficácia está sujeita às mesmas condições. A destruição do poder simbólico radicado nos desconhecimento supõe a tomada de consciência acerca da revelação da verdade objetiva e aniquilamento da crença. O trabalho de filosofo está em observar como estruturas econômicas, podem ao determinar as condições e posições determinantes da sociedade, influenciar ou determinar as estruturas das relações simbólicas que se organizam nos termos de uma lógica irredutível das relações econômicas.

Para sociólogo o poder simbólico é invisível e imperceptível e mostra-se numa forma “transformadora e legitimada, das outras formas de poder”. Dessa forma, “ignorar e reconhecer a violência que encerram objetivamente” e transformando suas forças em poder simbólico, produzindo efeitos reais sem dispêndio aparente de energia. De acordo com o autor, o poder simbólico só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que a ele estão sujeitos ou mesmo que o exercem e só podem exercer um poder estruturante porque são estruturados.

Os símbolos são instrumentos de integração social, tornam possível o consenso a respeito do sentido do mundo social, contribuindo para a reprodução da ordem social. Para o autor, "Poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou econômica), graças ao efeito específico de mobilização, só se exerce se for reconhecido, quer dizer, ignorado como arbitrário[...]. Se define em uma relação determinada - e por meio desta - entre os que exercem o poder e os que lhe estão sujeitos, quer dizer, na própria estrutura do campo em que se produz e se reproduz a crença." (2003, p.14).

Bordieu diz que o poder simbólico tem o poder de construir o dado pela a enunciação, de fazer ver e fazer crer , de confirmar ou transformar a visão do mundo e, desse modo, a ação sobre o mundo, poder que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força(física ou econômica), graças ao efeito especifico de mobilização só se exerce se for reconhecido, quer dizer ignorado como arbitrário.

O sociólogo fala da visão de Marx quando observa o desaparecimento das disparidades entre as taxas de lucro, supõe a mobilidade da força de trabalho a qual por seu lado supõe “a indiferença do operário em relação ao conteúdo do seu trabalho, a redução levada aos extremos, a trabalho simples, em todos os domínios da produção, o abandono por parte de todos os trabalhadores, de todos os preconceitos de vocação profissional”. O que deste modo proporciona um ganho específico, irredutível ao lucro monetário, efeito da ilusão constitutiva da participação no campo, contribui para tornar o trabalho aceitável para o trabalhador a pesar da exploração e em certos casos para uma forma de auto-exploração.

Bordieu , fala também sobre as lutas pelo poder de divisão e observa , o que está em jogo como objeto de lutas entre os cientistas, não só os geógrafos por terem que ver o espaço, mas também historiadores, etnólogos, sobretudo desde que existe uma politica de “regionalização” e movimentos, economistas e sociólogos. Esta luta pela autoridade científica é menos autônoma do que querem crer os que nela se acham envolvidos e verificar-se-ia facilmente que as grandes etapas de concorrência entre as disciplinas a respeito da noção, através de diferentes mediações, entre as quais os contratos de pesquisa não são das menos importantes, a momentos da politica governamental da matéria de “regionalização”.

O sociólogo diz que uma economia das lutas regionalistas deveria seguir princípios os quais as diferentes categorias de agentes ativos ou passivos envolvidos nas lutas regionalistas se distribuem entre partidários e adversários do poder local. Se os observadores notarem que os intelectuais desempenham um papel importante e determinante no trabalho simbólico que é necessário para contrariar as forças tendentes à unificação do mercado dos bens culturais e simbólicos e efeitos de desconhecimento por elas imposto aos defensores das línguas e culturas locais.

Conforme Bordieu na luta simbólica pelo monopólio da nomeação legítima como imposição oficial, explicita e pública da visão legitima do mundo social, os agentes investem o capital simbólico que adquiriram nas lutas anteriores e, sobretudo todo o poder que detêm sobre as taxinomias instituídas, como os títulos. Ainda segundo o autor todas as estratégias simbólicas por meio das quais os agentes procuram impor a sua visão das divisões do mundo social podem situar-se por dois extremos: o insulto, o qual tenta impor seu ponto de vista correndo o risco da reciprocidade e a nomeação oficial ato de imposição simbólica que tem seu favor a força do coletivo, do consenso e do senso comum.

**REFLEXÃO SOBRE A SOCIOLOGIA**

Segundo Bordieu (1989), a sociologia é uma ciência avançada, o lugar que o sociólogo ocupa na sua disciplina seria o da ideia, daquilo que ele precisaria dominar para estar realmente à altura do saber adquirido, ou seja, a apreensão de suas capacidades cientificas. O autor analisa o papel e a função da sociologia da educação dentro do contexto cultural e social enfatizando que o sistema de ensino proporciona a reprodução da estrutura das relações simbólicas, contribuindo pra a reprodução da estrutura da distribuição do capital cultural entre as classes.

Compreende-se que a sociologia é uma ciência que se aproxima da filosofia, é problematizadora e permite questionar outras ciências, é critica e revela aquilo que é oculto. Sustenta uma classe dominadora, faz reflexão acerca dos problemas que ocorrem na sociedade. Conforme o filosofo acima citado para não ser objeto do problema é preciso fazer a história social da emergência desses problemas da sua constituição progressiva do trabalho coletivo o qual foi necessário para dar a conhecer e fazer reconhecer estes problemas legítimos, confessáveis públicos, oficiais: como os problemas de família do divorcio, da delinquência, drogas, trabalho feminino etc.

Sobre as condições e posições de classes e a disputa por capital social, o mesmo cria condições específicas para compreender uma estrutura social. Para ele as classes de estatus devem ser analisados a partir de uma definição mínima e manifestam propriedades que resultam na dependência relativa à totalidade. A posição de um indivíduo ou grupo social não pode ser definida estaticamente numa dada estrutura e num dado momento é necessário analisar um trajeto social.

Para Bourdieu, Durkheim representava a tradição kantiana exatamente por procurar respostas “positivas” e “empíricas” ao problema do conhecimento e não se contendo apenas ao apriorismo ou ao empirismo. O mesmo faz uma exposição sobre a pesquisa, diz que o homem acadêmico gosta do acabado como os pintores acadêmicos e deve-se aprender sobre a pesquisa como atividade racional e não como uma espécie mística.

A escolha do objeto de pesquisa deve ser feita, a partir da capacidade de se colocar em jogo as verdades cientificamente aceitas, que dizem respeito muito mais às lutas pelo poder do campo científico do que a verdades e\ou inovações científicas. A importância social ou política deste objeto, por si só, não é suficiente para fundamentar a importância do discurso que lhe é consagrado. Mais importante é a sua construção ou reconstrução metodológica.

O autor explica que os sociólogos avaliam a importância pela importância dos objetos que estudam, é preciso converter problemas muito abstratos em operações científicas e práticas, é preciso construir o objeto e por em causa os objetos pré- construídos. Para se dirigir uma pesquisa é necessário fazer verdadeiramente com aquele que tem a responsabilidade diretamente dela. Diante disso, implica que se trabalhe na preparação do questionário, na leitura dos quadros estatísticos ou na interpretação dos documentos, que sugiram hipóteses quando for o caso.

Para Durkheim o ensino de um ofício ou arte é entendido como prática pura sem teoria exige uma pedagogia que não é de forma alguma a que convém ao ensino do saberes, como se vê nas sociedades sem escrita e sem escola. Bordieu fala do *habitus* científico que se trata de uma regra feita um *moldus aprendi* científico que funciona a um estado prático segundo as normas da ciência, permitindo gerar a conduta adequada.

Ainda segundo o autor o sociólogo que procura transmitir um *habitus cientifico* assemelha-se a um treinador que imita um movimento ou por correções feitas á prática em curso concebidas no próprio espírito da prática. O filosofo fala também sobre a divisão teoria/metodologia diz tratar-se de uma oposição epistemológica, ou seja, uma oposição constitutiva da divisão social do trabalho cientifico num dado momento (como a oposição entre docentes e investigadores de gabinetes de estudos).

Para ele a pesquisa é atividade séria e complexa que requer rigor, vigilância das condições, e adequação ao problema, o pesquisador precisa ter a participação onde o mesmo deve construir o objeto e perceber a melhor forma de coleta de dados e adequação metodológica. A percepção racionalista do autor vai receber críticas de autores pós-modernos mais recentes, principalmente sobre a forma de aprender sobre a essência e o senso comum determinante ou aparente.

 Bourdieu vai propor o que ele chama de pedagogia da pesquisa, pedagogia essa que será marcada por uma postura chamada de  objetivação participante. Essa reflexão sobre a objetivação vai estar na percepção sustentada de que o objeto precisa ganhar suas considerações teóricas a partir da participação com o objeto. O pesquisador não pode chegar ao objeto movido pelos seus interesses, e então deixar de perceber as peculiaridades do objeto que muitas vezes, ao decorrer da pesquisa, vai solicitar do pesquisador novos olhares teóricos e novas abordagens e técnicas metodológicas ou também deixar de considerar outros objetos por causa de um determinante interesse prévio.

Conforme o cientista, o conhecimento científico em sua dinâmica, analisa a ciência em suas práticas, ou a partir de depoimentos de cientistas, busca-se trazer elementos que nos permitissem esboçar uma pedagogia da pesquisa. Ao mesmo tempo em que se identifica uma confluência sobre uma pedagogia da pesquisa científica, em outros campos para além do referente à educação, a possibilidade de elucidação desse modelo no campo da educação.

Um aspecto associaria a institucionalização da atividade de pesquisa científica no campo da educação, mais especificamente as condições em que se originaram e desenvolveram a atividade de pesquisa nesse campo. A possibilidade elucidativa de uma pedagogia da pesquisa para o campo da educação e o inventário de questões que levantamos pretende escapar à naturalização do cotidiano dos cursos de pós-graduação.

Um dos obstáculos apontado pelo autor sobre a pedagogia da pesquisa é a pedagogia corrente dos professores vulgares, a qual reforça as atitudes conformistas inscritas na própria lógica da reprodução escolar e também na impossibilidade de ir às próprias coisas sem qualquer instrumento de percepção O mesmo fala do rompimento com o senso comum vulgar, mas que não basta apenas romper com este e nem com o senso comum, nem com senso comum douto na sua forma corrente é preciso romper com os instrumentos de ruptura que anulam a própria experiência contra a qual eles se construíram.

A ruptura trata-se de então, uma conversão do olhar e pode-se dizer do ensino da pesquisa em sociologia que deve dar “novos olhos”, ou seja, produzir um “homem novo”, um olhar sociológico, isso só ocorrerá se houver uma verdadeira conversão, uma revolução mental, uma mudança de toda a visão do mundo social. Aquilo que se chama de “ruptura epistemológica” quer dizer por em suspenso as pré-construções vulgares e os princípios aplicados na realização dessas construções.

Bornieu fala das ciências sociais como rupturas epistemológicas, que são muitas vezes rupturas sociais e de crenças fundamentais de um grupo, por vezes, com as crenças do corpo de profissionais, com o corpo de certezas partilhadas que fundamenta a *communis docturum opnio.* O autor fala ainda sobre a dúvida que sentia Descartes sobre a politica o mesmo não compreendia – é conhecida a prudência com que fala de Maquiavel – o modo de pensamento que tinha iniciado tão corajosamente no domínio do conhecimento.

O sociólogo diz que a sociologia só deixará de ser aquilo que se faz dela, isto é, uma ciência empenhada em revelar “os pensamentos dissimulados”, como dizia Montaigne, um olhar desconfiado e maldoso que desengana, destruindo a impostura e também as ilusões, um propósito de “redução” mascarado de “virtudismo” do pensamento intransigente, na medida em que for capaz de se submeter completamente à interrogação a que ela se submete toda a prática.

O autor diz ainda que só se pode produzir a verdade do interesse se aceitarmos questionar o interesse pela verdade e se estivermos dispostos a pôr em risco a ciência e a respeitabilidade cientifica fazendo da ciência o instrumento do sua própria causa, na esperança de ter acesso em relação à liberdade negativa e desmistificadora que a ciência oferece.

**INSTRUMENTOS SIMBÓLICOS**

Os instrumentos simbólicos são meios usados pelos dominantes sobre os dominados A tradição marxista privilegia as funções politicas dos sistemas simbólicos em detrimento de sua estrutura lógica e de sua função gnosiológica. A respeito do funcionalismo Durkheim explica as produções e relaciona ao interesse das classes dominantes. A ideologia está em oposição ao mito, o produto coletivo serve a interesses particulares, que tendem a aparecer como interesses universais.

As ideologias devem a sua estrutura e suas funções mais especificas as condições sociais da sua produção e da sua circulação, ou seja, às funções que elas cumprem, em primeiro lugar, para os especialistas em concorrência pelo monopólio da competência considerada e, em segundo lugar e por acréscimo, para os não-especialistas. Em relação à cultura dominante, o autor diz que contribui para integração real da classe dominante a desmobilização da classe dominada.

Segundo Santos (2006), as sociedades industrializadas são consideradas de massa, onde as instituições dominantes têm de prover e até mesmo criar as necessidades de multidões e de seus participantes anônimos, de igual maneira que desenvolvem mecanismos eficazes para controlar a maioria da população, fazê-las produzir, consumir, e se conformar com seus destinos.

O autor fala também da indústria da cultura, centrada nos meios de comunicação de massa utilizando de instrumentos de manipulação como radio, televisão, imprensa entre outros que são elementos da sociedade moderna. A indústria cultural é uma esfera de atividade econômica, com inversões de capital, recrutamento de mão de obra especializada, desenvolvimento de novas técnicas, produções de bens de serviços. Esses meios de comunicação são elementos essências da própria organização social e estão associados ao exercício do poder e a ordenação da vida coletiva.

Os meios de comunicação penetram na esfera social, no meio urbano e rural, na vida profissional, atividades religiosas, no lazer, na educação, participação política, esses meios são poderosos e difundem o modo de organizar a vida cotidiana das pessoas, o jeito de vestir, falar, escrever, pensar, lutar, amar etc. A indústria cultural segundo o autor não é imune às contradições da vida social, a começar pelo fato de que nela mesma os conflitos entre os proprietários e empregados são comuns.

A cultura que une um grupo social é a mesma que legitima a distinção social e as estruturas de poder. Enquanto instrumentos de dominação contribuem para assegurar o domínio de uma classe sobre a outra (a violência simbólica). Há uma luta pelo monopólio da violência simbólica, mesmo que seja imperceptível. Há sempre um grupo tentando impor seu conjunto de símbolos (religioso, artístico etc.).

Conforme Santos (2006), a cultura é uma produção coletiva, mas nas sociedades de classe seu controle e benefícios não pertencem a todos, isso ocorre devido às relações entre os membros das sociedades que são marcadas por desigualdades profundas, de tal modo que a apropriação dessa produção comum se faz em beneficio dos interesses que dominam o processo social.

Portanto, as lutas pela universalização dos benefícios da cultura são ao mesmo tempo lutas contra as relações de dominação entre as sociedades contemporâneas, e contra as desigualdades básicas das relações sociais no interior das sociedades. Essas lutas ocorrem para transformar a cultura e ocorrem no contexto das muitas sociedades existente, as quais estão cada vez mais interligadas pelos processos históricos que vivenciamos.

O autor chama atenção sobre os centros do poder da sociedade que se preocupam com a cultura, procuram defini-la, entendê-la, controlá-la, agir sobre o seu desenvolvimento. Contudo, a cultura é uma esfera de atuação econômica, com empresas voltadas para ela e dessa forma as preocupações com a cultura são institucionalizadas, ou seja, fazem parte da própria organização social, expressam seus conflitos e interesses dominantes da sociedade manifestam sua força. A cultura é vista como uma realidade estanque, de características acabadas, capaz de explicar a vida em sociedade o comportamento de seus membros.

O sistema educacional influencia nas desigualdades sociais quando, no processo de seleção escolar, discrimina aqueles que pertencem às classes populares e reforça as desigualdades entre os gêneros quando fala das ações e comportamento mais adequados ao ser feminino e masculino. Dessa forma, a lógica paradoxal da dominação masculino e da submissão feminina é ao mesmo tempo e sem contradição, espontânea e extorquida, só pode ser compreendida se nos mantivermos atentos aos efeitos da ordem social exerce sobre as mulheres (e os homens). [...] (Bourdieu, 2003, p. 49/50).

O sociólogo fala da necessidade de observação da relação especial entre teoria e prática. Propõe um modo de produção científico adquirido operando-se praticamente. Afirma que os historiadores e filósofos das ciências têm frequentemente observado que uma parte importante da profissão de cientista se obtém por modos de aquisição inteiramente práticos. O habitus científico é um modus operandi que funciona em estado prático. É uma espécie de sentido do jogo científico que faz com que se faça o que é preciso fazer no momento próprio, sem ter havido a necessidade de tematizar o que se havia de fazer.

O autor trata do “pensar relacionalmente” no tocante à metodologia e teoria e no tocante à construção do objeto de pesquisa. O sociólogo procura mostrar que a separação da metodologia da teoria em instâncias separadas deve ser recusada completamente. A origem dessa divisão está na oposição epistemológica e constitutiva da divisão social do trabalho científico num dado momento oposição entre professores e investigadores de gabinetes estudo. Teoria, método e objeto não estão isolados de um conjunto de relações e é dessas relações que se deve retirar o essencial das propriedades do objeto, isso porque o real é relacional.

**REFERÊNCIAS**

**BOURDIEU,** P. **"Gostos de classe e estilos de vida".** In: Ortiz, Renato (org.). A Sociologia de Pierre Bourdieu, São Paulo (SP) Olho d´Água, 2003.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_**O poder simbólico**. Lisboa (PT). ed.DIFEL,1989.

**SANTOS**, J.L dos. **O que é cultura**. São Paulo (SP): Brasiliense, 2006.